

Analisei o vocábulo em todos os dicionários que se conhecem desde o de Pinho Leal ao de Raphael Bluteau passando por trabalhos realizados por pessoas que se preocuparam com o estudo da toponímia e não encontrei o vocábulo. Encontrei apenas a palavra DAMAISMO e DAMAS. Damaismo significa a atenção especial que se tem para com as damas. Os fidalgos e cortesãos cultivavam o damaísmo.

Mas havia algum palácio ou corte nas proximidades? Bem o Palácio de Queluz fica perto e no lugarejo existia um palácio de Condes e Marqueses. E a povoação não tinha qualquer significado pois em 1703 contava apenas 6 fogos. Assim a Damaia não era mais do que uma quinta.

Será que em tempo dos Romanos se praticava naquele outeiro culto à Deusa «Maia» que era a deusa da Fecundidade?

Uma explicação verosímil é a de que a quinta tivesse pertencido a algum senhor de apelido «da Maia» ou seja DAMAIA.

Há quem diga que em tempos pertenceu ao D. Manuel «da Maia» mas tal opinião é difícil sustentar-se pois este senhor quando o lugarejo era apresentado já com o nome actual e tinha seis fogos, o Manuel da Maia tinha vinte e três anos apenas. Será que a quinta era de seus pais? São apenas suposições.

Mas quem foi esse senhor conhecido em todo o reino, de nome MANUEL da MAIA?

Mesmo que não tenha dado o nome à DAMAIA vale a pena falar dele. Por um lado porque ele calcurreou sem dúvida a pé e a cavalo toda a Damaia, o actual, concelho da Amadora e não só. Observou, mediu e fez uma obra, admirada por todos os nacionais e estrangeiros, monumento colossal ao nível mundial e que teve o prazer de verificar que resistiu a forte abalo sísmico em 1755. Na verdade o Eng.º Manuel da Maia e o Arq.º Custódio Vieira são os projectistas do complexo Aqueduto das Águas Livres para abastecimento de água à cidade de Lisboa, que por ela ansiava há duzentos anos.

Por outro lado vale a pena falar dele como exemplo para a juventude actual como incansável estudioso e trabalhador.

Estudou sempre muito, até quase aos noventa anos. Morreu com 88 anos e foi sepultado na casa do Capitulo do Convento de S. Pedro de Alcântara, próximo do lugar onde ele tinha projectado fazer o reservatório das águas, que quase um século depois foi construído nas Amoreiras, em virtude das prioridades que entretanto surgiram com a reconstrução da cidade, após o tremor de terra.



Se se insinuasse na Corte ou fosse vira-casacas poderia certamente ser Conde ou Marquês, pois até foi explicador de matemática de D. José e dos Infantes. Mas a sua natureza era simples.

Sendo engenheiro notabilíssimo, pois por mérito próprio foi Engenheiro-Mor do Reino e militar distinto pois foi Tenente-General dos Exércitos, viveu só para Ciência, para os desprotegidos e para Deus.

a) Para a Ciência porque após ter trabalhado durante 40 anos como engenheiro onde se notabilizou pela obra de abastecimento de água a Lisboa como já referi, pelo abastecimento de água ao Palácio de Mafra utilizando sistema de repuxos evitando as arcadas, orientou tecnicamente a linha de fortes fluviais desde Sta. Apolónia até ao Forte de S. Julião da Barra, autor da estátua real no Terreiro do Paço, superintendeu a fortificação de Lisboa que tinha oito portas das quais só já resta uma — a de Benfica ou Venda Nova, fortificou Abrantes, etc, etc. Já com avançada idade e não sendo pessoa para parar, tornou-se cronista, foi director da Torre do Tombo tendo organizado cronologicamente todos os documentos desde o séc.XII até à época em que viveu, mais propriamente desde 1161 até 1698, num total de cerca de 82.000 documentos. Dominava várias linguas, desde o latim ao Francês pelo que foi também notável tradutor e desenhador.

b) Para os desprotegidos porque a par da sua grande actividade intelectual, ainda tinha tempo para visitar pobres a quem ajudava anonimamente, especialmente quando conhecia casos de pobreza envergonhada. Dava dotes a noivos pobres, cuidava de dar assistência médica e medicamentos a leprosos, visitava e intercedia pelos presos, etc.

c) Para Deus porque, com todos os trabalhos que tinha, como era católico verdadeiro, assistia diariamente à missa e todos os sábados, quer chovesse ou fizesse sol, ia ao Convento de S. Vicente de Fora a rezar à Sra. do Pilar, imagem aliás venerada por gentes que vinham de todo o reino, tal como agora acontece com a Sra. de Fátima. Tenho o prazer de ter um livro que comprei num alfarrabista, datado do ano de MDCCLXV que lhe é dedicado e onde se confirmam as qualidades humanas que os seus biógrafos enaltecem.

Não era beato falso nem servidor de si próprio e por conseguinte merece-me respeito como me merece qualquer religioso ou político sincero. Foi em toda a sua vida apenas servidor da Ciência e do seu País. Não ambicionando titulos ou honrarias, foi apenas, no final da sua carreira considerado, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Tem o seu nome numa rua de Lisboa, junto ao Instituto Superior Técnico.

Cito-o como exemplo de estudioso incansável, de trabalhador intelectual incansável. Do trabalho tudo vem por acréscimo. E é pena que tantos jovens inteligentes se percam ou fiquem desvalorizados por falta de

uma coisa que é fundamental — força de vontade. Força de vontade para se saber dizer não, força de vontade para se levantar e apagar a televisão quando o programa não interessa, força de vontade para se ter um objectivo na vida. Um defeito que encontro actualmente em muitos jovens é não terem projecto de vida. Na vida acontecem-nos muitas coisas que nos transcendem, lá isso é verdade. Mas a maior parte daquilo que nos acontece não é por acaso. Depende do nosso querer. E é nisto que vós jovens deveis pensar em momentos de reflexão. A reflexão é tão necessária como o convívio. Nem só uma coisa ou outra.